

SUL-AMERICANO

Orgão Litterario e Scientifico

ANNO IV

PROPRIEDADE DE
UMA ASSOCIAÇÃO

ESTADO DE SANTA CATARINA

Florianópolis, 22 de Setembro de 1903

REDACÇÃO

RUA TIRADENTES N. 2

NUM. 164

Expediente

Assignaturas

Semestre. 2\$500
Pelo correio. 3\$000

Pagamento adiantado.

Anuncios conforme ajuste

PALESTRA GRAMMATICAL

COMSIGO, A SI, POR COMVOSCO, A VÓS

São admissíveis os neologismos necessários quer formados no eixo da língua, como «pallidejar», quer oriundos de um idioma estranho, como «tunnel»; mas não se pode admitir que se adicione a uma palavra uma nova acepção, dando lugar a equívocações.

Ouçamos aos Srs. Professores Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade:

«O emprego de *comigo, a si, por comvoso, a vós* (falho *comigo, refiro-me a si*) é destempero de ignorância que modernamente nos foi importado de Portugal».

(Noções de Grammatica Portugueza pelos professores Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade, pag. 146)

Ouçamos, agora ao Dr. Castro Lopes:

Esta doença (o emprego de *comigo, a si por comvoso, a vós*) tem sido causa de mais de um galante *qui-pro-quó*.

Certo litterato, vítima da *solecismite*, indo à casa de um amigo, dava à mulher d'aquele a seguinte notícia: «Felicitó a V. Ex. pela boa compra, que fez hoje seu marido.»

— Qual foi?

— Um chapeo, que compron *para si*, e que em *si* ha de ficar ás mil maravilhas.

— Foi um despercio; porque ainda hontem comprou elle o chapéo com que hoje sahio.

— Mas, perdõe-n-e V. Ex., o chapéo não foi para elle, mas *para si*.

A vista da instancia a senhora começou a suspeitar que o illustre litterato estava com o juízo a arder, e por causa das duvidas não entrou em mais explicações.

X

Apresentava um poderoso patrono a um ministro um candidato; e depois do conveniente exordio dizia:

— A vista das inúmeras habilitações do meu cliente, o que desejo e peço a V. Ex. é que arranje um lugar *para si*.»

O ministro, que era bom grammatico, e que já tinha idéa da nova doença, respondeu gracieando:

— Por esse lado não se inquiete, que já está arranjado.»

X

Adocerá do seo achaque rheumatice um velho de genio impaciente; manda chamar o medico, mas este, por infelicidade, estando também adoentado, responde por escrito dando-lhe essa noticia e declarando que iria dentro em pouco tratar *de si*.

Ao ler uma tal resposta, o velho enche-se de colera, e manda-o despedir, quando poucas horas depois o medico se anunciou.

E longa a lista das equívocações, que a tal solecismite alfeninada pôde occasionar.

X

Recebe do seo protector o seguinte bilhete um individuo, que pretendia um emprego:

«Amigo e senhor.»

Não falei ao ministro sobre a sua pretenção,

porque o Dr. F. disse que já tinha pedido ao ministro esse logar *para si*, e que o obtivera»

O Dr. F. era intimo amigo do pretendente, não precisava do emprego, nem este de modo algum podia convir por ser logar subalterno.

A vista porém do bilhete o pretendente levado por um assomo de indignação, escreve ao Dr. F., reprobra lhe o seo procedimento, e protesta romper a antiga amizade.

O Dr. F., que outra cousa não tinha feito, sinão interessar-se muito pelo pretendente, para quem obteve o emprego, fica perplexo e sem saber o que concluir de tal *embroglio*, até que se resolve a entender-se pessoalmente com o amigo injustamente queixoso.

Chegam ambos então a conhecer que toda aquella desordem procedeo do maldicto—*si*—erroneamente empregado!...

X

Mais um para rematar a serie dos factos burlescos da *solecismite alfeninada*.

— Sr. A., sabe que o Visconde de ***, já riquíssimo, tirou hontem a sorte grande?

— O meu compadre e amigo?

— Sim; e saiba mais que me disse ser sua intenção gastal a toda *comsigo*.

— E' porque é um egoista sem igual.

— Ao contrario; só vejo nisso uma prova da maior e da mais estupenda generosidade.

Os dous se entreolharam, e cada um disse *de si para si*, e falando *comsigo*.

Parce-me que estamos em uma casa de orates; este homem não está *em si*.

Agora verá o leitor que, não obstante haver eu empregado, nas ultimas linhas precedentes, as ariações do pronome—*se*—(*de si para si comsigo, em si*) não estou infecionado da molestia, porque usei d'ellas, como todos os que sabem gramática usam, isto é, fazendo-as refeir-se ao agente grammatical da oração; e não à pessoa, a quem, e com quem falamos; o que é attentado contra a lógica, construção abominável, monstruosa locução, ridícula affectação do dizer e do escrever, cinca imperdoável, tope solecismo, erro palmir, enfim, vício grammatical digno da ferula dos *Obílios*!!

(Neologismos indispensaveis e barbarismos indispensaveis com um vocabulario neologico portuguez, pelo Dr. Castro Lopes pag. 154, 155, 156 e 157).

A. P.

ASTRONOMIA

A TRANSLAÇÃO DA LUA

Ninguem, por menos versado que seja nas cousas astronomicas, terá deixado de notar que o nosso satellite caminha incessantemente do occidente para o oriente, e que a sua marcha, em comparação com a dos outros corpos celestes, é muito forçada.

O que, porém, só um estudo particular dessa materia nos poderá convencer, é que a Lua não segue o seu caminho ao redor do Sol; tanto mais que a maior parte dos compendios de cosmographia nos ensinam aquella noção erronea.

Para que a Lua girasse ao redor da terra como esta gira ao redor do Sol, seria preciso que o nosso globo se conservasse fixo no espaço, ou que a Lua não fosse sujeita a outro centro de atração mais poderoso que a terra.

Nenhuma destas duas hypotheses se rea-

lisa, e é por isso que a orbita-lunar tem sempre a sua curvatura para o Sol, tal qual a da Terra e as de todos os outros corpos do sistema solar. Mas como a atração do nosso globo actua fortemente sobre a Lua, em razão da proximidade em que se acham estes dois astros, dá-se o facto interessante de ser a orbita lunar dividida em varias curvas alternativamente por dentro e por fora da orbita terrestre. Por isso a Lua ora caminha adante da Terra, ora atras, umas vezes fica mais proxima do Sol do que nós, outras, mais distante.

Agora, que já sabemos a maneira pela qual marcha a Lua de combinação comosco, vamos acompanhá-la no seu curso.

Aproveitemos para isso o instante em que, já um pouco afastada da região celeste em que se acha o Sol, ella aparece sob a forma de um delicadissimo crescente com as pontas em oposição áquelle astro. Isso se realiza dois dias depois de ter ella sido nova, isto é, de ter passado pelo mesmo meridiano celeste ocupado então pelo Sol. E' ao anoitecer que se consegue vel-a a muito pouco distancia do horizonte occidental.

No dia seguinte, ás mesmas horas, tornaremos a vel-a, porém mais elevada e apresentando um crescente mais largo que o da vespera.

Ao ter sete dias de idade, ella passa ás 6 horas da tarde no meridiano de qualquer lugar, e mostra a metade do disco illuminado, podendo ser perfeitamente vista algumas horas antes, apezar da luz do dia. Esta é a phase a que chamamos Quarto crescente.

Em cada dia que se seguir a esta phase, vel-a-emos passar no meridiano mais tarde e com maior superficie illuminada.

Aos quatorze ou quinze dias depois de nova, tem ella feito o seu caminho pela metade do céo, e, estando em oposição ao Sol relativamente á Terra, apresenta-se-nos completamente circular. Nascendo no momento em que o Sol se põe, ella chega ao meridiano á meia noite, e desce ao occaso pela madrugada.

Nesta phase, que é chamada—cheia—, é facil de vér que ella corre pelo arco da orbita exterior á Terra, ao contrario do que sucede na phase nova.

Um dia depois da Lua cheia, já poderemos notar que ella não tem mais o disco todo illuminado, falta-lhe um pouco do lado occidental, exactamente na região que foi a primeira a receber a luz do sol quinze dias antes. Essa falta irá de dia a dia se accentuando, e do mesmo modo se poderá observar que o nascerem lu-gar pela noite adiante.

Chega o dia em que a Lua surge á meia noite, só com metade do disco illuminado; é a época do Quarto crescente. Às 6 horas da manhã passa no meridiano, podendo ser vista até perto do meio-dia, segundo as estações.

Finalmente, decorridos mais uns cinco di-

as, devemos esperar por ella umas duas horas antes do nascer do Sol. O seu aspecto é então semelhante ao que nos tinha mostrado no começo da nossa observação, só com a diferença de ter as pontas do crescente voltadas para o occidente.

Esta diferença facilmente se explica se reflectirmos que na phase nova era o lado occidental da Lua que estava virado para o Sol, ao passo que agora é o oriental.

Nos dois ultimos dias da lunação é difficilmente descobrila pela proximidade em que se acha do Sol. No momento em que ella torna a ser nova é absolutamente invisivel, a menos que não se projecte sobre o disco solar, produzindo um eclipse deste astro.

O tempo que ella emprega em voltar ao mesmo ponto do céo, é de 27 dias e 8 horas, mas a reprodução da mesma phase exige um espaço de tempo maior: 29 dias e 12 horas.

Provém esta diferença de que a Terra durante os 27 dias temse adiantado muito em sua orbita, e para que a Lua se ache novamente entre ella e o Sol, tem de andar ainda por mais dois dias.

Depois desta palestra, é de suppôr que o astro illuminador das noites terrestres, tão decantado pelos poetas de todos os tempos, redobre de interesse para todos aqueles que gostam de estudar a natureza.

SUFI JUNIOR

A LINGUA UNIVERSAL

O ESPERANTO

Durante longo tempo esteve muito em moda ali em nossa capital o «Volapük», língua que se dizia ser destinada a fazer uma grande revolução social.

O illustre catharinense e homem de letras, já falecido, Eduardo Pires foi um dos primeiros á abraçar as theorias do Volapük, conjuntamente com o illustrado professor, meu mestre e amigo, José Brasileiro de Souza.

Tenho recordações de umas aulas, noturnas, de Eduardo Pires na Escola Normal; neste tempo eu era bem jovem, não comprehendia à razão de se querer uma lingua internacional, achava que o Volapük não passava de um objecto de luxo.

O Volapük, porém não conseguiu o fim para que foi criado, tacaram por completo o «desideratum» de seu instituidor.

En 1898 fundou-se em Paris uma sociedade com fim exclusivo de «fazer aonhecer e propagar em frância e per outras partes do mundo, mas particuarmente nos paizes de lingua frânciza, o i. o. ma internacional ere da pelo doctor L. Zamenhof sob o de «Esperanto».

E' sobre este tal «Esperanto» que algo dizer.

Serei breve, como dizem os oradores cá da Camara.

O «Esperanto» é uma melange de frânc, allemão, italiano, espagnol, portuguez, inglez e russo etc.

De todas estas linguas o Dr. L. Zamenhof fez um guisado e por fim apresentou-nos o «Esperanto» como nma iguaria nova, temperada com idiomas completamente diferentes.

Sinão vejamos; começando pelo artigo (artikolo).

Existe no Esperanto só um artigo definido e este é o *lá*, que seja o genero e o numero, ex. la patro, o *pae*, la patrinij *as mäes*.

Não existe artigo indefinito ex: patro, «pat» ou «um pae».

O substantivo é caracterizado pela terminação —o— qualquer que seja o genero: patra, «paterna», patrinaj, «maternaes».

O adverbio é caracterizado pela terminaçã

—e— patre, «paternalmente», patrine, «maternamente».

O verbo—o infinito presente é caracterizado pela terminação —i—: ami, «amar», e o indicativo presente pela terminação —as— qualquer que seja o numero da pessoa: la patro amas, «o patro ama» la patrinoy amas, «as mães amam».

Eis ahi em traços largos algumas partes da «Gramatiko Esperanta».

Não fallei dos pronomes, ainda está em tempo; são pessoas e possessivos:

Os pessoas são: «singular», 1^a p. mi 2^a p. vi 3^a p. li, si, gi; «plural», 1^a p. ni, 2^a p. vi, 2^a p. ili.

Os pronomes e adjetivos possessivos se formam dos pronomes pessoas por addição de um a—mia, via, lia, gia, nia, ilia.

Bem, paßemos adiante; ou por outra, volte nos atiaz ao alfabeto, que pouco differe do nosso, e se pronuncia como em portuguez.

O accento tonico repousa sempre na penultima syllaba: ciam, «sempre», (e pronuncia tohiam) cevallo, «cavalo», se pronuncia tchévalo.

Algumas palavras.

familio, «familia», avo, «avo», patro, «pae», filio, «filho», frato, «irmão», knabo, «rapaz», garleno «jardim», amigo, «amigo», najbaro, «vizinho» urbo, «cidade» etc

Prefixos: Mal—indica o contrario, ex: felicá, «feliz», malfelicá, «infeliz», granda, «grande», malgrande, «pequeno...»

bo—indica o parentesco resultante de um casamento, frato, «irmão», batrato, cunhado.

ge—reune os dous sexos: ge'ratoj, «irmão e rainhas», suff xo: ino—indica femme: patro, patrino «mãe».

E já vou entendendo alguma cousa desta embrulhada, e como não sei si qui existe mestre ou professor para tal lingua, vou estudando com os livros que tratam deste idioma.

Rio-Agosto, 1903.

DONATO SILVA

PANTHEON CATHARINENSE

XXV

FRANCISCO ANTONIO CASTORINO DE FARIA

Excerpto do estudo Lastenia

Andámos mais alguns passos e nos assistimos à praia, poucos passos distantes do mar. Este vinha com fragor quebrar suas ondas esverdeadas na margem.

A bulha do mar não nos deixava ouvir uns dos outros, e eu aproveitei este accidente para meditar.

Recohei-me dentro em mim, e pensava:— Aqui está o verbo potente de Deus, o mar é a imagem viva do poder da Divindade: Tragão descrente aqui à beira do mar e verão como elle se concentra em si confessando um Ente Supremo que creou e deu movimento a esta massa de aguas, que se agita ora com estrondo, ora com brando, suave e cadencioso murmúrio.

E o vento? Não é outro elemento homogeneo ao mar?

Como elles são amigos, como se dão as mãos para operare a juntos! Quando o mar está só permanecem manso e quieto como um lago de aguas mortas, quando o vento se apresenta, lutão amos, o mar ruge como uma fera, e agita-se e bate as praias com a sua formidavel e vigorosa juba como o leão do deserto quando tem fome.

O vento também me parece a imagem da alma humana; como elle, ella opera sobre nosso corpo sem que a vejamos. Si o len trai-se é viveira outra vez, como disse o poeta, eu estava vivendo de novo nas minhas considerações philosophicas que me trazião à memoria o meu tempo saudoso de estudante em que eu confundira com aquelle mesmo argumento do vento a ur. libertino que se queria ter por espirito forte, e veio me dizer que a alma não existia porque elle nunca a vira.—E o senhor já vio o vento? Lhe perguntei eu; e porventura esse elemento não existe, não move nem arreia as pezadas embarcações soprando sobre suas velas? Na terra não arranca arvores, não derriba casas?

E o senhor o vê? E por ventura nega-lhe a existencia pelo facto de não vel-o?...

Mas eu estava nesta enfiada de cogitações quando Lastenia me acordou com esta pergunta: Não gosta disto, o mar não o alegra?

Quiz perguntar-lhe si ella podia me fazer quella pergunta, a mim filho do mar onde as ondas vão no inverno enrar pelas janellas das casas nais altas, e ella a filha do sertao nascida em São Paulo, cidade central perguntar-me si o mar ne alegra! Receei que a minha pergunta fosse malinterpretada, e apenas respondi-lhe que não perguntasse si o mar me alegrava.—O mar encantante, como vem só até ás balisas que Deus lhe traçou e volta para traz?

Como nos respeita, deixando-nos aqui gosados quando avançando mais nos podia tragar a todos?! Mas lá na Escriptura sagrada diz-se que Deus traçou-lhe os limites até ali só aonde elle chega, e que dali não deve passar... Eu sabia que Lastenia e sua mãe gostavão de zombar destes principios religiosos, e por isso estava sempre de propósito pedaços da Biblia quando pedia. Ellas sorrião n'aliciosamente, perguntarão-me onde era que estavão marcados os limites do mar, eu respondi que nas Escripturas Santas, e nos levantámos dahi a poucos segundos em caminho para casa. Lastenia corria de novo sobre a gramma, assignalando com a sua botina os vestigios que eu havia contando com delicioso contentamento, mostrava-me outra vez os baracos das graminaceas figurando cobrinhas e sua mãe vendo um trapo velho entre aquelles baracos perguntou si não seria os babados do seu vestido que tinha deixado na carreira atraz de nós. Lastenia tinha a poesia nata espontânea n'alma a alma dela era um idilio perpétuo que a natureza avivava com suas cenas.

Eu olhei para uma casinha aljeando ao longe obre um monte pouco elevado, e entre os matos, ella perguntou-me si não gostava de ver uma casinha assim com sua chaminé fumando como estava aquella? Respondi-lhe que me elevava naquella contemplação tanto que olhando para elle me lembrára dos versinhos bucólicos que lera na infancia, e recitei-lhe os dois versos de Virgilio, traduzindo os:

Et jam summa procul cacumina fumant
Majoresque cadunt altis de montibus umbræ.
E já fumão as chaminés das aldeias.
As sombras descem dos altos montes.
Rio, 1871.

GRÉMIO VIOLETA

Gentilmente convidados pela digna directoria, com tudo foi-nos impossivel assistir a bella esta de inauguração que o Gremio Violeta realizou, sabbado ultimo, na sede da «Associação dos Impregados do Commercio».

Foi uma festa agradabilissima, de explendido esplendor na execução do respectivo programma, assim o dizemos, baseados, como estamos, na opinião geral dos que tiveram a felicidade de assistirem-n'a.

Parabens.

COMPANHIA GYMNASTICA

Acha-se nesta capital a companhia gymnastica denominada «Novo Mundo» dirigida pelo Sr. Antonio Gonçalves, artista conhecido.

A função de estréa, que foi animada por um numero importante de espectadores, teve lugar na quinta feira ultima, sendo exhibidos diversos e apreciaveis trabalhos concorrentes á arte gymnastica, despertando sobretudo os aplausos do povo osque foram executados pelos pequenos artistas Arthur, Julieta e Arethusa.

A companhia continua a funcionar, sempre com regular resultado no circo que acha-se armado na praça General Osorio.

Por motivos de força maior suspe ndeu a publicação nosso collega « Republica »

Sonata d'alma

XXXV

O leitor já deve ter comprehendido que o passageiro que tomara o fiacre quando Raul passava pelo cais da grande cidade—era José Francisco.

Reconhecendo-o—ela não pôde dominar a subita alegria que causava-lhe o apparecimento desse amigo, que naturalmente seria portador de notícias da sua terra natal.

O serviço prestado pelo commissario policial, dizendo-lhe em que hotel estava hospedado José Francisco, fora de summa importância.

Segundo as indicações da autoridade facil foi a Raul chegar ao *Hotel L'aigle d'Or*.

Estava impaciente.

A idéa de que ia estreitar em seus braços o melhor amigo, que o collocaria ao corrente dos factos, alegrava-o.

Ia ter notícias de Julia, da encantadora donzella que, com seu amor, fizera o despir a roupeta de monge... da candida criatura que, sabendo avassallar seu coração de moço, ateiára-lhe n'alma o fogo sempiterno do amor.

Subiu a escada que dava acesso ao grande estabelecimento da rua Beauveau, Raul achou-se num espacoso salão.

Um empregado do importante hotel, vindo logo ao seu encontro, perguntou-lhe o que pretendia.

— Desejava falar com um viajante aqui hospedado, respondeu Raul.

O empregado não se fez esperar.

Apresentando-lhe promptamente o livro endiariamente são escriptos os nomes dos hóspedes bem como todas as informações que lhes dizen respeito, e exigidas pela polícia francesa, disse-lhe:

— Queira indicar-me neste livro o nome da pessoa que procura.

Avida e apressadamente Raul passou os olhos por todos os nomes ali escriptos nos dois últimos dias e, deparou-lhe com o do seu amigo, indicou-o nervosamente ao empregado:

— É este!

O empregado ler:

— José Francisco, e abrindo em seguida um livrinho de notas que trazia no bolso, viu que o viajante procurado ocupava o aposento n.º 79.

Tocando então o tympano apareceu um creando a quem o empregado ordenou:

— Conduza este sr. ao aposento n.º 79.

Seria difícil descrever o que se passava em Raul.

Depois de tres longos meses de separação ia ele abraçar o seu dedicado companheiro de infância.

— Parecia-lhe um sonho!

F. S. H. — 111

Cristina a Meira Mar

POR

PINHEIRO CHAGAS

Continuação do n.º 154

VII

Tão habituado estava Jorge à companhia á conversação de Magdalena que parecia que mais facilmente poderia passar sem a presença de Leonor do que sem a presença de sua irmã. E Magdalena, desvanecidos os seus primeiros sentimentos, adormecida na mais plena confiança pelo rumo exclusivamente literário cu musicas que os seus diálogos tomavam sem descambarem uma vez só para o sentimentalismo, ainda mesmo quando estavam sós, fôr-se entregando ao encanto da conversação de Jorge.

Manifestava francamente á sua irmã a impressão profunda que tinham feito as brilhantes qualidades de este moço na realidade deslumbrante, e dava-lhe Magdalena, sorrindo-se. Espantas-me, na reali-

— E tremulo, internando-se pelo hotel, o ex-nome seguia o criado sem pronunciar uma só palavra.

Ao mesmo tempo que desejava abraçar o seu amigo, para saber notícias da sua terra que tão longe ficara, e de Juliá,— a estrela que com sua luz o conduzia na vereda da existência,— recebia que as novas que ia ouvir destruissem todos os seus sonhos de moço, desfolhassem as suas ilusões, arrancando-lhe d'alma todas as suas esperanças.

A duvida o martyrisava.

Ele ignorava a causa da viagem do seu convidado, e d'ahi, esse mixto de alegria e tristeza, de coragem e de medo, de bravura e covardia, em todos os sentimentos opostos que, n'aquel momento, agitavam sua alma.

O encontro d'aqueles dois homens que tão intimamente se ligavam ia, pois, ser terrível. O abalo moral ia ser profundo.

Quando o criado depois de ter percorrido corredores e salas, indicou a porta do quarto do viajante, um tremor nervoso percorreu todo o corpo do ex-monge.

Uma pallidez cadaverica cobriu-lhe as faces, as forças lhe faltaram e teria cahido ao chão, si o braço vigoroso do criado o não amparasse.

Passados os efeitos d'esse abalo—o criado bateu à porta do aposento n.º 79.

A porta abriu-se imediatamente e, quando ambos se entraram, quando se reconheceram, abraçaram-se convulsivamente, dizendo apenas, no auge da commoção:

— Raul!

— José Francisco!

C. TAVIRA.

Cometas

(Continuação)

«Conta corrente simples» é quando o namorado não passa de «piscadelas», e com «jeros» quando... é obrigado a presentes.

«Conta corrente de movimento»... está subtidido o que seja.

«Liquidação forçada», é quando o pae da Dulcinéa faz o «cometa» travar «relações» com sua bengala...

«Dar quitação» é quando acaba o namoro as perfumadas cartas são devolvidas mutuamente.

«Fallencia casual», é considerada, quando a namorada não pode, por «força maior» corresponder aos os afectos do namorado.

«Fallencia culposa», ou considerada «fraudulenta» é quando o «pessoal não paga em tempo

os parabens pela acertada escolha que fizera. Leonor exultava de contentamento ouvindo isto e fuzia, com jubilo sincero, apertando as mãos de Magdalena:

— Oh como gosto que se estimem! Eu, que sou uma pobre rapariga, tenho afecções profundas e preendo-me com tenacidade aos encantos a que estou ligada pelos laços do santo amor do filha, le irã ou de noiva. Nada me custaria mais do que ter de optar entre dois afectos diferentes. Os assarinhos quando chegaram à idade de voar, de imar, de viver enfim, abandonam o ninho material e vão fabricar outro ninho com o esposo que escolheram. Não gosto deste desprendimento dos assarinhos. Commoveu-me o que tu é Jorge uma vez me contaram daquelas plantas que eu via farradas aos rochedos e que vocês me disseram que não plantas, mas uns animaizinhos chamados olybos ou não sei que. Plantas e animaizinhos a um tempo, alli, no canto da rocha, amam, vivem ou vivejam. Vê que tortura seria a minha, se tivesse que optar entre meu noivo e a minha família. Se tu fosse rosa e me namorasse da borboleta, havia de soffrir ao vel-a fugir para longe de mim mas se me fosse dado seguir-a não sentiria medo vendo-me arrancada do meu canteiro natal.

— Quem te ensina essas poesias, Leonor? tornou

Magdalena, sorrindo-se. Espantas-me, na reali-

— lesviand» do seu «activo» para fins estranhos, ternos e amorosos olhares.

«Fazer concordata», é conceder a namorada o direito de contractar casamento com outrem, ficando obrigada pagar por «saldo» de seus amores, uns tantos por cento em beijos.

Ter um grande «stôk», é o mesmo que possuir muitas namoradas.

«Socio commanditario» é considerado por «elles», o individuo que é noivo dum moça, continuando esta a fazer «fronte aos amores passados».

«Socio de industria», é o namorado que não entra com «capital» (representado em presentes) e «usofrer os proveitos», do namoro, applicando unicamente a sua «audaciosa actividade»!

«Letra da praça» é considerada a namorada que reside no lugar em que o «Comet» mais tempo se demora, e «Letra de cambio» torna-se quella que, mudando-se para outro Estado, conserva, com tudo, aberto o seu coração, ao namorado ausente.

Finalmente, «Letra vencida» é quando o «pessoal», que toma este nome, ultrapassou o «prazo... para «visorio»!

Parecendo-nos ter dicto o bastante, para o leitor ficar sciente da maneira porque entre os «Cometas» são manifestados seus pensamentos (tractando-se de namoro) reproduzimos á baixo, uma carta escripta nessa linguagem de conversação.

Essa carta que devia ser endereçada a um collega, foi, por um lastimável «quiprocés», dirigida aos patrões do signatário, occasionando, assim, consequencias deploraveis...

El-a:

SR. LARANJEIRA & COMP.

«Santa Rita do Corrego S. Jo, 24 de... de 19...»

«Saude e patacas. Princípio por dizer-vos que tenho sido «caipora» com o «pessoal» desta «zona».

«Ao mais importante, concedi «moratoria», de dez dias, não tendo elle se portado bem...»

«Mais tarde fez «concordata», para «pagar-me 50 %», A final foi aberta a «fallencia», (a que julgo fraudulenta).

«Apliquei toda a actividade para, ao menos, salvar 1/3 do «capital», e fui mal sucedido... pois, vi-me á braços com uma «liquidação forçada», sendo, então, obrigado, por isso, a dar «quitação»!!!

“Mas hei de vingar-me!

“E é só, porque estou ainda muito “mido”.

*Do teu

ANSELMO

Como era de parecer a carta produziu o efeito de uma bomba, que estourasse na casa comercial dos Srs. Laranjeira & Comp.

As scenas que se succederam, umas „patheticas“, outras „comicas“, no escriptorio desses Senhores, aguçam os nossos desejos de expol-as ao leitor, como fazemos:

Nunca leste cousa alguma, viveste aqui sempre neste eremiterio, e os formosos pensamentos que nós encontramos nos livros, adivinalhos tu poruma intuição maravilhosa. O que tu disseste agora, disse-o também Victor Hugo.

— Quem é Victor Hugo? perguntou Leonor.

— É um grande poeta frances, respondeu Magdalena.

— Então elle o que disse?

— Ouve:

La pauvre fleur disait au papillon celeste:

„No fuis pas;

Voit comme nos destins sont différents: j'é reste,

Tu t'en vas..

— Que vem isto a dizer em lingua de gente?

— O mesmo que tu disseste a respeito da borboleta e da rosa.

— Mas eu não sei frances, tornou a graciosa menina com uma expressão de pasmo nos lindos olhos.

— É isso que me espanta, Leonor, tornou sua irmã, beijando-a.

Assim como Magdalena se deixara captivar pelos attractivos da conversação de Jorge, assim Jorge se deixava também seduzir por esta ocupação que o seu espírito, até aí ocioso ou absorvido em si mesmo, encontrara inesperadamente. O coração julgava-o inteiramente isento.

Continua

O Senhor Laranjeira, homem dos „seus,, cincoenta, „puchados,, baixo e gordo; „cofiando,, as suas longas suissas á portuguesa, achava-se repoltreado na sua cadeira de braços junto á secretaria, quando lhe entregaram a correspondência vindia pelo “trem,, da linha do centro.

Diversas cartas foram por elle abertas; umas contendendo pedidos e outras accusando o recebimento de facturas.

A proporção que as lia, passava-as ao guarda-livros, para este tomar as devidas notas.

Uma, porém, a ultima, “dansou-lhe,, por entre os dedos nervosamente tremulos!

Era a “tal „, á do seu caixeteiro viajante!

A custo passou-a ao guarda-livros, dizendo: Veja! que “bomba,, ! que “bomba,, !

E o Laranjeira foi atacado de tal excitação nervosa, que o guarda-livros e julgou maluco.

Emprecava elle contra o Anselmo que: “não tinha sabido se conduzir em tal emergencia,, e contra a Simphronio Parente, o seu maior freguez, de “Santa Rita do Correio Sujo,, por ter-se tornado “um refinado tratante,,.

E, praguejando, o Laranjeira trocava as palavras que ia dizendo, e assim continuou:

—Será, meu Deus, possível?! O meu maior parente fallido!

E dizendo “parente,, em vez de “freguez,, e Laranjeira, como atordoado, levou as mãos á cabeça, a “ver se na vasta calva descobria,, algúnia de cabellos para arrancalo!

Nessa dolorosa occasião, um dos caixeiros que passava junto ao escriptorio, ouvindo o nome d’ “parente,, e tomando o de “fallido,, por... “falecido,, correu,, a dizer aos companheiros —que tinha morrido um parente do patrão!—

A. GIL

Continua

RETALHOS

O presidente da Associação Germanica para a Protecção dos Gatos, publicou, ha pouco tempo, os resultados das suas investigações relativamente a idade que esses animaes podem atingir. Os gatos, diz elle, são em certo ponto como as pessoas. Quanto mais pacifica e methodica é a sua vida, tambem mais longa é.

Como uma prova disto, elle cita que um gato favorito do Castello Real de Nymphenburg chegou a viver quarenta e dois annos, tendo portanto o direito de ser considerado o decano dos gatos da Alemanha.

PARNASO

MOTE

As conquistas da sciencia
o mundo tem dilatado!

GLOSAS

O falso da intelligencia
mil arcanos aclarando,
vae na Historia regi trando
as conquistas da sciencia.
No céo, na terra, no mares,
maravilhas aos milhares
têm os sabios desvendado!
E da sciencia as victorias
nas grandes luctas de glórias,
o mundo tem dilatado!

BRAZILIA SILVA

O peito estn'ado, ufano,
Braco erguido em continencia,
Venero en bora protano
As conquistas da sciencia.
No Dumont daria abraços
Si o pegasse nos espacos
A rir n'um balão sentado,
Pois não teme o proprio vento
E arrojado em seu talento
O mundo tem dilatado.

MARATIMBA

Como sóes dumna potencia,
Que deslumbra a terra, os céos.
Levantam se em mil trophéus
As conquistas da sciencia.

E as trevas vão se apagando
Pelos espaços tombando,
Vendo o mundo illuminado.
Sim! d's sabios o labor,
Bello sempre em seu valor,
O mundo tem dilatado.

R. L.

Até mesmo o Satanaz,
Em curvada reverencia,
Já não desrespeita mais
As conquistas da sciencia.
Supponho até que o patife
Num grande e medonho esquife
Já se recolhe assombrado...
O' cornigero flammante!
Do saber a luz briihante
O mundo tem dilatado

RANULPHO

Para proclamar-se a força,
o poder da intelligencia
basta só enumerar-se
as conquistas da sciencia.
Altivo, suleando os mares,
alegre cortando os ares,
se mostrando em tudo ousado
o homem tem progredido,
tem-se mostrado atrevido,
O mundo tem dilatado

ERNESTO.

CADEIRA DE S. PEDRO

A “cadeira do papa,, ou antes, a cadeira de S. Pedro, não é uma cadeira no sentido de ser ella jamais usada pelo papa. Essa reliquia é um dos objectos mais conspicuos na cathedral de S. Pedro. Guardada em uma bella gaiola de bronze dourado, tendo a forma de um throno, é tida como valendo mais de um milhão de liras, esta coloca-la na extremidade da tribuna, sendo somente acessivel por meio de uma escada de mão e entretanto a todos que penetram na Basílica.

Diz a tradição que foi ella uma cadeira da casa do senador Pudeus, e foi dada a S. Pedro quando ali esteve como hospede desse cidadão romano. A cadeira ou pelo menos, a parte dela ainda existente, é na sua maior parte de rica não de obra romana, e com quanto feita de madeira, é quasi toda revestida de incrustações de marim, admiravelmente trabalhado. O frontal temzeito compartimentos, cercados de ornamentos de ouro puro e neste se contem baixo relevos representando as proezas de Hercules.

LOGOGRIPHOS

Um Bardo de outr'ora, 4, 2, 165
de outr'ora Escriptor, 7, 8 9, 2, 6
erudito, sabio, 7, 10, 8, 12, 5
foi este senhor 3, 8, 11, 10

Levanta o vôo teu, aguia do espaço,
vae nos raios do sol da immensidão —
banhar de luz a tua fronte calma;
das nuvens d'ouro no gentil regaço,
repousa a gloria, a immortalidade
do nome teu... a tua augusta palma!

BRASILIA SILVA,

Ao ESCARAVACO

Por um simples accidente
Fui alvo de zombaria. — 4, 7, 6, 5
Por estes dois individuos, — 1, 2, 3, 5, 6
Que me serviam de guia.

Agora, Escaravaco
Uma cousa aqui reclamo:
Que digas, incontinente,
Como e que eu me chamo.

AMBROSIO

Decifrações do ultimo numero: — *papelada; Ta-cita; malicia; Florisbella e maratimba.*
Aleançou o prémio o sr. Quintino Cardoso.

Anuncios

AO PUBLICO

A casa da SYRIA chama a attenção de sua respeitável e numerosa freguezia, para a grande liquidação que está fazendo de artigos proprios para a Estação.

Ninguem deve, po's, munir-se de fazendas e artarinhos sem fazer uma visita á referida casa.

APROVEITEM A PECHINCHA!!

Em frente ao Hotel Brasil

Miguel Bufaraco

A' SEM RIVAL

Guarda-chuvas por preços sem competencia vende-se n'A Sem Rival.

Rua Trajano, 11-~~2~~

Jose do Patrocínio Lima

AO PUBLICO

Livros em branco e escolares, romances, reguas de borracha e ebano, papel diplomata superior, papel de seda e de côres, cartões de visita e phantasia, participações o que ha de chic, tinta, tinteiros, lapiseiras, (ultima novidade) lapis, ardósias, lapis de massa, notas, facturas, correntes, pennas, tinta para marcar roupa, calcomania, lacre, mata-borrão e muitos outros artigos por preços baratissimos, vende-se no **GABINETE DEMOCRATA**

RUA TIRADENTES N. 2
GERVASIO PEREIRA DA LUZ

Antiga Casa da Fama

Rua Altino Corrêa, n. 8

FAZENDAS, ARMARINHO E CHAPEOS
Grande variedade de tecidos nacionaes:— riscados de algodão, morins, etc, etc.

Lindo sortimento de pellucias, flanelas e mais artigos para a Estação.

PREÇOS BARATISSIMOS

Verdadeiro Baratilho

JOSE' DE SENNA PEREIRA

Rua Altino Correia n. 8, (Canto da Rua Trajano)

DEMOCRATA

Executa-se com promptidão e esmero todo e qualquer trabalho concernente á arte typographica.

RUA TIRADENTES, 2

Gervasio P. da Luz